

“Em 2017, 100 anos depois da publicação da revista *Portugal Futurista*, um grupo de trabalho constituído por professores e investigadores do CLEPUL, da Cátedra Jorge de Sena e do Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes trabalhou cuidadosa e intensamente na evocação do *discurso* futurista português – ou, melhor dizendo, dos *discursos* em tonalidade futurista. Nesse sentido, procurou circunscrever de que forma aquele(s) *discurso(s)* [...] terá(ão) contribuído para desconstruir e reorientar tanto os constrangimentos impostos pelos interesses da coletividade e das suas “narrativas”, como o peso regulador de um passado e de uma tradição (a cuja relação o autor futurista procurará repetidamente incutir um sentido de provocação). Tratou-se, em primeira e última instâncias, de – com a colaboração valiosa de reconhecidos professores e investigadores – refletir sobre diversas, mas interligadas, linhas de trabalho: o papel da revista *Portugal Futurista* nas comunidades e nas literaturas de língua portuguesa dos séculos XX e XXI; a relação entre *Portugal Futurista* e a Europa; a relação entre *Portugal Futurista* e a tradição das revistas literárias; a relação do Futurismo com outras artes; a relação do Futurismo com as vanguardas do século XX; a reflexão crítica sobre um conjunto de escritores, poetas, artistas (Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Guilherme de Santa-Rita, Mário de Sá-Carneiro, Amadeo de Souza-Cardoso, Raul Leal, Apollinaire, Marinetti, entre tantos e tantos outros), cuja produção foi marcada profundamente pelo desígnio “carnavalesco” e que, a seu modo, contribuíram para a experiência da descontinuidade com que o entendimento da Modernidade se comprometeu.”

Os Organizadores  
Dionísio Vila Maior e Annabela Rita



ORGANIZADORES  
Dionísio Vila Maior  
Annabela Rita

# FUTURISMO



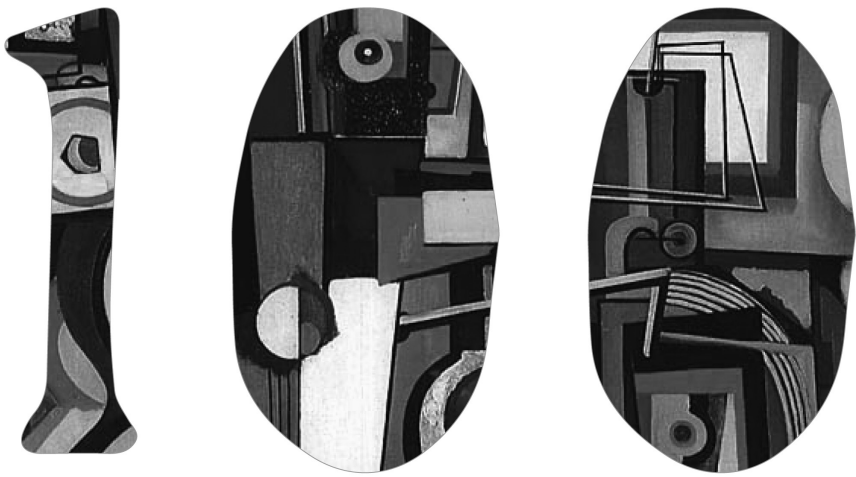
# FUTURISMO

ORGANIZADORES  
Dionísio Vila Maior  
Annabela Rita

EDIÇÕES ESGOTADAS



EDIÇÕES ESGOTADAS



FUTURISMO

1.ª edição | ---, 2018



www.edicoesesgotadas.com  
geral@edicoesesgotadas.com

**Título**

100 Futurismo

**Organizadores**

Dionísio Vila Maior  
Annabela Rita

**Coleção**

Literatura e artes | n.º 2

**Revisão de Texto**

Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

**ISBN**

978-989-8911-21-6

**Depósito Legal**

---

**Impressão e Acabamento**

---

**Execução Gráfica**

Edições Esgotadas, Lda.

© 2018, Dionísio Vila Maior

© 2018, Annabela Rita

*Todos os direitos reservados.*

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2013”

# Índice

Nota prefacial .....	9
Do “verso livre” ao “paroliberismo”. Advento e manifestação da poesia futurista italiana no primeiro Futurismo (1910-1916) ABBATI, Orietta .....	11
Futurismo, modernismo, modernidade – uma clarificação conceptual ALMEIDA, Onésimo Teotónio .....	29
Os primeiros marcos miliários do Modernismo ANSELMO, Artur .....	43
Movimentos, ritmos, percepções – contributos para uma leitura da(s) estética(s) futurista(s) AVELAR, Mário .....	51
Os manifestos futuristas portugueses numa perspectiva europeia: identidade e alteridade de uma “poética da ruptura” BINET, Ana Maria de Albuquerque Lima Cruz .....	67
Almada poeta teatral, <i>um certo modo de dizer</i> CABRAL, Maria de Jesus .....	83
Almada Negreiros e o Futurismo Russo Intersecções estéticas CAVALIERE, Arlete .....	95
Guilherme de Almeida: Futurismo e Tradição CECCUCCI, Piero .....	109
<i>Love --- --- --- the preeminent litterateur</i> Sexualidade, pornografia e moral na poesia de Mina Loy e na poesia futurista portuguesa CEIA, Carlos .....	127
Mário Cláudio e o exercício literário do cubismo em <i>Amadeo</i> CERDEIRA, Teresa Cristina .....	143

Materia en movimiento. Arquitectura y cine en el Futurismo italiano. CONDE MUÑOZ, Aurora .....	157
Almada Negreiros, um dramaturgo futurista CRUZ, Duarte Ivo .....	171
José de Almada Negreiros: <i>Mima-Fataxá</i> em modo <i>queer</i> CUROPOS, Fernando .....	175
Mário de Andrade: poéticas sonoras e criação polifônica DINIZ, Júlio .....	187
A presença do Modernismo e do Futurismo na Biblioteca de Fernando Pessoa: uma questão de leitura ESTIBEIRA, Maria do Céu .....	203
A modernidade nas revistas brasileiras de 1922 a 1926 FARIA, Sandra Aparecida Teixeira de .....	215
“Agora é a guerra” A relação Homem/Máquina no Futurismo e no Modernismo FINAZZI-AGRÒ, Ettore .....	229
O Futurismo e as Vanguardas Históricas do Século XX FLOREANI, Roberto .....	241
As lições do Futurismo sobre sintaxe poética FONTES, Maria Aparecida .....	257
Atuais “vanguardas” literárias em língua portuguesa: O caso dos vencedores do Prémio Literário José Saramago GARCEZ, Isabel .....	273
Álvaro de Campos: futurista de ocasião mas não de coração GARCEZ, Maria Helena Nery .....	289
Raul Leal e a recepção crítica de Santa-Rita Pintor: do <i>Portugal Futurista</i> ao <i>Tempo Presente</i> GEBRA, Fernando de Moraes .....	305

A lírica de Mário de Sá-Carneiro e a pintura de vanguarda	
GORI, Barbara .....	321
O/A Triplov, em <a href="http://www.triplov.com">www.triplov.com</a>	
GUEDES, Maria Estela .....	339
Futurismo até quando?	
GUIMARÃES, Fernando .....	343
O Futurismo como ficção	
JÚDICE, Nuno .....	351
Marinetti e o Futurismo em Portugal	
LEÃO, Isabel Ponce de .....	361
A cidade futurista em Mário de Sá-Carneiro	
LOUREIRO, La Salette .....	375
Suicidária Modernidade	
LOURENÇO, Eduardo .....	391
“A progressão de malucos cresce de forma assustadora!”	
O Futurismo da preta Fernanda	
MARCHIS, Giorgio de .....	399
A integração no futurismo português da estética feminina da luxúria	
MARTINES, Enrico .....	409
Asas e sons russos em Mário de Sá-Carneiro	
MARTINS, Patrícia Soares .....	421
António Telmo e Fernando Pessoa: Vanguarda e Tradição ou o direito do avesso	
MARTINS, Pedro .....	433
Recepción y comienzos del Futurismo en Hispanoamérica	
MEJÍAS ALONSO, Almudena .....	449
<i>A Cena do Ódio</i> : práticas textuais vanguardistas	
MENDES, Maria do Carmo .....	465

<i>Obrigatório Não Ver – O Contributo de Ana Hatherly para a Arte de Vanguarda no Século XX</i>	
MILHEIRO, Dalila .....	481
 <b>Marinetti na Grécia</b>	
PAPADIMA, Maria .....	495
 <b>No mar do futuro, com Fernando Pessoa, “errante, demorado e obscuro”</b>	
PEREIRA, António dos Santos .....	503
 <b>O Legado das Vanguardas Históricas no Romance Português Pós-Modernista</b>	
PETROV, Petar .....	519
 <b>Souza-Cardoso, o intruso?</b>	
PINA, Maria da Graça Gomes de .....	529
 <b>Línguas e linguagens para o século XX: em direção do absoluto, contra a estática do universalismo e o regresso dos particularismos</b>	
POLI, Diego .....	543
 <b>“A estranha morte do Professor Antena”: nuances policiárias em Mário de Sá-Carneiro</b>	
REBLIN, Filipe .....	559
 <b>Futurismo: entre inovação &amp; memória</b>	
RITA, Annabela .....	571
 <b>O Futurismo em Judith Teixeira</b>	
SILVA, Fabio Mario da .....	585
 <b>O Futurismo no cinema português: aspectos da vanguarda na produção de Manoel de Oliveira</b>	
SILVA, Mariana Veiga Copertino F. da .....	593
 <b>Contra o gosto público que sustenta o teatro: Almada e o panorama teatral de uma época</b>	
VASCONCELOS, Ana Isabel .....	603
 <b>O manifesto futurista</b>	
VILA MAIOR, Dionísio .....	611
 <b>Futurismo com Regionalismo – a poesia de Tyrteu Rocha Vianna</b>	
ZILBERMAN, Regina .....	633

# A modernidade nas revistas brasileiras de 1922 a 1926

SANDRA APARECIDA TEIXEIRA DE FARIA

(Universidad Complutense de Madrid)

**Palavras-chave:** Futurismo; Modernismo; Revistas brasileiras; Brasil; Década de 1920.

**Resumo:** Diversas foram as revistas de caráter modernista criadas no Brasil após a *Semana da Arte Moderna*, em 1922. Discorre-se neste artigo a apresentação e análise de algumas das produções mais representativas do período de 1922 a 1926, tendo como marco inicial a revista futurista-modernista *Klaxon – Mensário de Arte Moderna*, lançada em São Paulo, e que circulou de 1922 a 1923, com nove números publicados. Além desta, trataremos ainda das revistas: *Estética* (1924); *A Revista* (1925); e *Madrugada* (1926). Estas revistas estavam repartidas por quatro estados brasileiros e pretendemos verificar as respectivas características estruturais e de conteúdos e o que as diferencia entre si, embora tendo o Modernismo como ponto de partida.

## INTRODUÇÃO

Aglutinador das ideias dos diferentes movimentos de vanguarda europeus, o Modernismo brasileiro, designado a princípio como Futurismo, não se caracterizou tanto pela “importação ou imitação” como pela sinergia produzida com a efervescência cultural do que era considerado hodierno no velho continente (COUTINHO, 1986: 343-349). Os reflexos dessas influências no Brasil foram notórios primeiramente nas artes plásticas, com expoentes como Lasar Segall e Anita Malfatti, entre outros. Na literatura também se clamava pela inovação e mudança da concepção estética mantida até princípios do século XX, onde se perfilavam duas linhas divergentes: a dos passadistas, por um lado, e a dos que renunciavam o Modernismo, por outro, destacando-se neste último grupo Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, e outros, que se dispuseram à campanha de divulgação pela imprensa brasileira do que se estava desenvolvendo no meio artístico na Europa.

O marco de confluência e reunião das novas manifestações artísticas, literárias e musicais no Brasil ocorreu em fevereiro de 1922, com a realização da *Semana de Arte Moderna*, no Teatro Municipal de São Paulo, dando início ao Modernismo brasileiro. Com respeito à importância da celebração da *Semana* e o que significou para a mudança no terreno literário, destacamos a seguinte opinião:

A Semana foi uma explosão. Longamente preparado o espírito literário para uma renovação radical, alguns espíritos de vanguarda, reunidos por anseios e pontos de vista comuns, acertaram os planos da verdadeira batalha, à custa da qual assaltariam os bastiões do “passadismo”. Foi sobretudo um golpe de destruição da velha ordem. [...] (COUTINHO, 1986: 351)

Além de conseguir aunar as várias tendências que vinham sendo projetadas desde princípios do século XX, a *Semana* serviu de estrutura para o fortalecimento dos diversos grupos criados, posteriormente subdivididos e espalhados por todo o país, favorecendo ainda, por parte dos meios editoriais, a publicação de livros e a proliferação de revistas com perfil modernista (BOSI, 1994: 340).

Sob o encaço dos movimentos europeus, após a *Semana de Arte Moderna*, os modernistas brasileiros utilizaram os periódicos e as revistas como meios de propagação de seu ideário artístico. Seus repertórios garantiram um espaço de expressão para novos escritores, poetas e críticos brasileiros, contando também com colaboradores estrangeiros, como Blaise Cendrars, L. Charles Baudouin e Guillermo de Torre, entre outros. As revistas literárias nascidas entre 22 e 30, tornaram-se, assim, recursos indispensáveis para a compreensão do pensamento e do estado de inquietação que prosperava nessa época.

Ademais da sua importância como meio de difusão, outro ponto relevante, que se refere à cooperação dessas revistas no aprimoramento da literatura e, conseqüentemente, do nível dos leitores, também é destacado pelo professor e jornalista Ivan Marques numa entrevista para *Escritablog*, em 2013, o seguinte:

As revistas modernistas, evidentemente, não se destinavam ao grande público como as famosas revistas culturais *Fon-Fon* e *Paratodos*, por exemplo, que também

circularam no começo do século XX. No entanto, é inegável sua contribuição para melhorar a literatura e o nível dos leitores. A despeito de sua tiragem minguada e de sua curta duração, elas tiveram justamente esse papel de refletir sobre a produção literária que se fazia nas trincheiras do movimento vanguardista, separando o joio do trigo, apurando as concepções que os escritores tinham do moderno e especialmente do ‘moderno brasileiro’. Se ajudaram a definir e melhorar a criação e a crítica modernistas da década de 1920, então podemos afirmar com certeza que deram uma enorme contribuição para o desenvolvimento da literatura e das artes no Brasil (MARQUES, I., 2013).

Conforme o que foi dito anteriormente, surgiram agrupações modernistas em distintas zonas do país e neste trabalho, tendo em consideração as publicações com mais impacto e a fim de que estejam representadas distintas regiões do Brasil, procuramos reunir referentes de quatro estados brasileiros: *Klaxon* (1922), de São Paulo; *Estética* (1924), do Rio de Janeiro; *A Revista* (1925), de Minas Gerais; e *Madrugada* (1926), do Rio Grande do Sul.

Não é nossa intenção compor análises exaustivas, pois, por muito que tentássemos, as limitações de espaço não nos permitiriam. Portanto, propomo-nos ressaltar os elementos que considerarmos mais destacáveis de cada uma dessas revistas, a fim de possibilitar uma perspectiva o suficientemente ampla como para discernir as marcas diferenciais que as convertem em únicas.

### **KLAXON: O PRENÚNCIO DO BARULHO**

Distinguida não somente por ter sido a primeira revista modernista lançada após a *Semana de Arte Moderna*, a revista *Klaxon*, mensário de arte moderna se destaca por reunir uma extensa variedade programática em seus números, com crítica literária e das artes em geral, poemas inéditos, desenhos, excertos de romances e músicas, elaboradas por jovens artistas, escritores e intelectuais, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e seu irmão Tácito, Couto de Barros, Graça Aranha, Rubens de Moraes, Luiz Aníbal Falcão, Ronald de Carvalho, entre outros expoentes das novas ideias culturais que fervilhavam pelo cenário paulista da época.

A cidade de São Paulo foi o centro de publicação da revista *Klaxon*, difundida desde maio de 1922 a janeiro de 1923, e composta por nove números, os dois últimos em edição dupla. Mário de Andrade se destaca entre os seus criadores e como o mais assíduo de seus colaboradores.

O próprio título *Klaxon* soava como uma chamada de atenção, tal o som que produz a buzina, anunciando desde o primeiro momento o seu caráter inquieto e inovador. Com um projeto gráfico arrojado, desenvolvido por Guilherme de Almeida, apresenta um perfil futurista na sua capa, na qual mostra a letra “A”, com distintas cores em cada edição, destacada perpendicularmente, interligando o título e o subtítulo da revista, bem como, a cidade onde foi publicada.

Na página 3, do primeiro número, está explícito no texto de apresentação<sup>1</sup> o motivo do cartaz<sup>2</sup>: “KLAXON cogita principalmente de **arte**. Mas quer representar a época de 1920 em diante. Por isso é polimorfo, omnipresente, inquieto, cómico, irritante, contraditório, invejado, insultado, feliz” (grifo nosso). Ainda nessa apresentação, se manifesta a proposta multidisciplinar da revista e sua atuação como o veículo consolidador dos valores estéticos expostos na *Semana de Arte Moderna*. Também se definem os princípios que irão marcar a direção do periódico, conforme o fragmento que segue:

Houve erros proclamados em voz alta. Pregaram-se ideias inadmissíveis. É preciso reflectir. É preciso esclarecer. É preciso construir. D’ahí, KLAXON. [...] KLAXON sabe que a vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. KLAXON não se preocupará de ser **novo**, mas de ser **actual**. Essa é a grande lei da novidade. KLAXON sabe que a humanidade existe. Por isso é internacionalista. [...] KLAXON sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o pasado, caminha para deante, sempre, sempre. [...] KLAXON sabe que o laboratorio existe. Por isso quer dar leis scientificas á arte; leis sobretudo baseadas nos progressos da psychologia experimental. [...] A cinematographia é a criação artística mais representativa da nossa época. É preciso observar-lhe a lição. [...] KLAXON não é futurista. KLAXON é klaxista. [...] Era de construção. Era de KLAXON. (*KLAXON*, 1922, n. 1, pp. 1-3)

1 Embora esse texto não esteja assinado, segundo pesquisas de Leonel (1994: 103), Mário de Andrade “é o autor do artigo de apresentação dessa primeira revista modernista no Brasil”.

2 Em todas as citações que partirem das revistas aqui estudadas, respeitaremos a grafia da fonte original. Neste caso, trata-se da reprodução digital do arquivo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=fax%EDmile>

Também cabe destacar o artigo “O homensinho que não pensou”, escrito por Mário de Andrade, no terceiro número de *Klaxon*, em resposta ao comentário de um anônimo da redação da revista *O Mundo Literário*, no qual expressava duras críticas à posição de *Klaxon* com respeito à arte, chamando-a de “conservadora, reaccionaria mesmo”, além de classificar a apresentação do periódico como uma repetição resumida do Manifesto Futurista de Marinetti. Como resposta, o escritor dilucidou sobre os pontos do manifesto, deixando patente que *Klaxon* só aceitava apenas dois deles, o quinto e o sexto, e que não era necessário “ser futurista para ser patriota” (ANDRADE, M., 1922: 10). Desta forma, deixa claro o seu posicionamento, evitando que o classifiquem como futurista.

## 2. ESTÉTICA: O EQUILÍBRIO DO IDEÁRIO MODERNISTA

Nascida no Rio de Janeiro, em setembro de 1924, a revista *Estética* teve apenas três números publicados, extinguindo-se em junho de 1925. Criada por Prudente de Moraes, neto e Sérgio Buarque de Holanda, caracteriza-se por apresentar um projeto gráfico comedido e simples, abrangendo desde a capa à diagramação interior e inclusive os caracteres tipográficos sem ornamentos.

Portanto, *Estética* mostra grandes diferenças de imagem com respeito a *Klaxon*, diferenças essas concebidas com a finalidade de transmitir ao público leitor a ideia de uma revista num estágio de evolução mais adiantado dentro do movimento modernista (ALMEIDA, A. N. e CALDAS, J., 2015: 99).

Em termos de contribuição de *Estética* ao panorama modernista, as autoras Almeida e Caldas manifestam a seguinte reflexão:

*Estética* explicitou as divergências ideológicas e conceituais do grupo modernista, incorrendo numa desarmonia que, a contrapeso, possibilitou a afirmação construtiva do ideário do modernismo, principalmente de seu caráter nacionalista, tendo em vista a divulgação de importantes textos como o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, e o poema ‘Noturno de Belo Horizonte’, de Mário de Andrade, que integrou a importante obra *Clã do Jabuti* (Id.: 99).

Desta revista mencionaremos apenas o brilhante ensaio que aparece como texto introdutório, intitulado “Mocidade e Estética”, que foi elaborado por Graça Aranha para o número 1 de *Estética*, no qual desenvolve uma ampla

análise sobre diversos pontos de convergência entre o valor do espírito jovem, os fundamentos teóricos, com claros elementos do Futurismo, da nova estética que está sendo difundida e o Modernismo que continua avançando para o caminho nacionalista.

O autor comenta no início do seu ensaio o desempenho dos jovens em ações que provocaram grandes mudanças no Brasil e cita como exemplos a abolição da escravatura e a proclamação da república que, na sua opinião, “foram principalmente actos da mocidade” e acrescenta que tal fatos “Não se poderiam realizar sem o entusiasmo juvenil, sem o desinteresse, sem a beleza do sacrificio, de que só os moços são prodigos. Elles não hesitaram entre o sentimento e a razão” (ARANHA, G., 1924: 3). Discorre acerca do período de apaziguamento posterior a essas lutas sociais, no qual “aquelle sublime espirito de mocidade submergiu na inconsciencia nacional e desapareceu do Brasil” (*Id.*: 4). Mais adiante, menciona os jovens modernistas e exprime sua esperança renovada através deles, como se marcassem o renascer dessa consciência nacional perdida pelos brasileiros desde 1889. Podemos verificar esse entusiasmo no seguinte excerto:

Não será aventuroso affirmar que a acção desses jovens será a de modernisar, nacionalisar e universalisar o Brasil. São trabalhos formidaveis a que se arriscam. Para executal-os, possuem a gymnastica intelectual que os torna ageis, decididos, claros e energicos. Pertencem a uma geração sportiva, de cuja rudeza athletica livraram o espirito, que plana e ataca. São livres de movimentos, a visão nítida dissipa as miragens que embaciaram a intelligencia paradoxal dos velhos brasileiros. [...] O accesso febril de literatura, que viciou o ambiente brasileiro, será absorvido pelo excesso de vida do organismo nacional. [...] A arte é uma actividade sadia do espirito humano na sua dominação da materia. É uma libertação. E ahí está o senso occulto do modernismo, porque o resto, o comprehensivel, a actualidade da arte, a sua manumissão do passado, são consequencias previstas da propria gymnastica intelectual do artista moderno (*Ibid.*: 7-8).

Na sequência de sua introdução, Graça Aranha destaca a importância da cultura para a formação de um homem verdadeiro, livre “da deformação sentimental” e das convenções de valores inadequados ou alterados que a falta daquela ocasiona. Trata também da mudança produzida no campo literário, com o realismo que se sobrepõe ao romantismo e abre outras possibilidades

à nova geração possuidora da “technica, que lhe dá a segurança, oriunda do conhecimento” e que, principalmente, é criadora “de personagens, de idéas, de imagens, de expressões que são disciplinadas á sensibilidade do nosso tempo” (*Ibid.*: 10). Relacionando velhos e novos paradigmas conceituais, exprime o pensamento de que os homens modernos passarão a substituir “o grego, o gothico” em correspondência com o ferro e o cimento, elementos que se relacionam metaforicamente com a modernidade, cuja relevância para a criação artística é destacada da seguinte forma pelo autor:

A estes materiaes modernos devem corresponder criações independentes e actuaes, que satisfaçam logicamente ás sensações de mobilidade e firmeza que elles suggerem. Assim será nas outras artes, na poesia e no romance, uma naturalidade suprema, que é o segredo da harmonia transcendente dos elementos da construção espiritual. Essa esthetica é a expressão de toda a energia moderna (*Ibid.*: 10).

### 3. A REVISTA: A DESCENTRALIZAÇÃO DO EIXO RIO-SÃO PAULO

Com apenas um ano de circulação, de junho de 1925 a junho de 1926, e com três números publicados, *A Revista* representou a expansão do movimento modernista para mais além do eixo Rio-São Paulo, que até o momento era o centralizador das principais expressões intelectuais e artísticas da vanguarda brasileira. Foi fundada na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, pelos escritores Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo.

*A Revista* apresenta um projeto gráfico simples, num estilo sóbrio, parecido ao da revista *Estética*. Contou com a colaboração do *Diário de Minas*, onde se compuseram as suas três edições. Ao contrário das demais revistas de perfil modernista, neste periódico se encontra uma abundante publicidade comercial, o que significa que contavam com apoio financeiro para as publicações.

Segundo comenta o escritor Pedro Nava (1978: 7) no texto de apresentação que consta da reimpressão *fac-símile* d’*A Revista*<sup>3</sup>, nasce em Belo Horizonte,

---

3 Essa reimpressão *fac-símile* partiu do programa cultural da Metal Leve. Está disponível no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, cujo enlace é <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=396060&PagFis=20&Pesq=>

em 1921, o *Grupo do Estrela*, formado por uma agrupação de jovens que se reuniam no café com esse nome. Desse grupo participavam os quatro fundadores d'*A Revista*, além de Abgar Renault, Alberto Campos, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus Guimarães, Hamilton de Paula, Mário Casassanta, o próprio Pedro Nava, entre outros. Vários deles, como sabemos, se transformaram em grandes escritores da literatura brasileira.

Foi em 1924, quando esses jovens tiveram o primeiro contato com alguns dos mais representativos modernistas paulistas, em Belo Horizonte, como a pintora Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. A partir dessa visita da caravana paulista, mantiveram correspondência com Mário de Andrade, apoiando as iniciativas dos jovens mineiros. Pedro Nava ressalta que Carlos Drummond de Andrade foi quem sugeriu o título *A Revista* (NAVA, P., 1978: 7-8).

*A Revista* é caracterizada por ter um perfil aberto, contando com colaboradores mais conhecidos e mais novos, aceitando a participação inclusive dos passadistas, entre os quais destacamos a Abgar Renault, Austen Amaro e Mário Casassanta (ALMEIDA, A. N. e CALDAS, J., 2015: 100).

Com respeito ao programa editorial do periódico, e dada a variedade de colaboradores que tinham, o escritor Nava explica que a preocupação deles não era apenas de índole literária, mas também social e de participação na ação política nacional (NAVA, P., 1978: 9).

No primeiro número d'*A Revista* os editores manifestam-se como jovens de ação, sendo esta “intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na política”. Adeptos da “renovação intelectual” do país, combatiam pelo “saneamento da tradição” e se autoproclamavam como “um órgão político” (*A Revista*, 1925: 12).

#### **4. MADRUGADA: A COEXISTÊNCIA ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA REGIÃO SUL**

Das revistas aqui estudadas, *Madrugada* é a que teve menos tempo de circulação, somados apenas três meses de vida, durante o período de 26 de setembro a 4 de dezembro de 1926. Tiveram cinco números publicados, tendo sido os três primeiros com entregas semanais e os dois últimos quinzenalmente. Foi lançada em Porto Alegre, tendo por diretores Augusto

Meyer, Theodemiro Tostes, João Santana, Miranda Netto e J. M. de Azevedo Cavalcanti, este último responsável da iniciativa (cf. GOUVÊA, P. de, 1976: 51; *apud* GOLIN, C. e RAMOS, P., 2007: 5). Também contaram com o artista Sotéro Cosme, na edição de arte.

Consequência das reuniões no Café Colombo, conhecido lugar de encontros sociais na década de 20, em Porto Alegre, a revista *Madrugada* reúne na sua direção jovens intelectuais imbuídos de uma consciência coletiva, com participação ativa na vida social porto-alegrense e ávidos de conhecimento sobre as novas propostas anunciadas pelos modernistas de São Paulo e Rio, procuravam a sinergia com as grandes metrópoles no campo cultural. Idealizaram um projeto de difusão da vida urbana local, representando, assim, esse espaço como a temática central dos conteúdos desenvolvidos pelo periódico e anunciaram como objetivo general a busca, através do “convívio franco entre a literatura, as artes visuais e o ambiente festivo, uma possibilidade de mudança de mentalidade” (GOLIN, C. e RAMOS, P., 2007: 3-7).

Na tentativa de ampliar o perfil do público leitor, os diretores de *Madrugada* abriram a possibilidade de uma interlocução maior com o setor feminino e que, conforme explicam Golin e Ramos no fragmento abaixo, o tratamento dado para essa captação adquiriu um cariz conservador, ao contrário do que se esperava numa revista de estilo modernista:

Reproduzida à exaustão nas fotografias, recriada nos pequenos textos e nas capas, a suposta leitora de *Madrugada* é a mulher oriunda de famílias tradicionais, a jovem alfabetizada que recebe uma educação vigiada, prepara-se para uma estratégica aliança matrimonial e possui uma biblioteca formada somente pelo que ‘deve ler’. A leitora da revista é imaginada pelos editores, configurada sob a perspectiva masculina, tal qual a cidade moderna: urbana, consumidora de imagens e novos produtos, identificada com a vitrine da crônica social, com esse texto da aparência que, ao longo da história da imprensa no Brasil, tem partilhado tênues fronteiras com o jornalismo cultural (*Idem*: 7).

De fato, a manutenção do tradicionalismo local é uma das marcas que imperou na conformação do Movimento Modernista brasileiro nesse estado sulista, “onde o regionalismo ia ao encontro da corrente modernista, que também pregava a ênfase na tradição local”, produzindo, dessa forma, uma

configuração do ideário modernista sem ruturas repentinas e drásticas, se comparada com o ocorrido em São Paulo (BREITSAMETER, A. e GRUSZYNSKI, A., 2011: 205-207).

Quanto ao conteúdo, além de fotos de belas moças, caricaturas, anúncios de todo tipo de áreas comerciais, *Madrugada* apresenta no seu corpo crônicas e notas sobre atos culturais, onde predominam “o tom jocoso, o bom-humor e a ironia sobre os hábitos cotidianos” (GOLIN, C. e RAMOS, P., 2007: 10). Sobre as influências literárias que se observam na revista, Golin e Ramos, expressam que:

A influência da escola simbolista é nítida no periódico, revelando a perspectiva de formação artística daqueles autores. Tal legado persiste na profusão de poemas publicados, em especial sob a cartola *Anthologia*, no empenho em traduzir Baudelaire e revisar a poética de autores como Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Souza e Alceu Wamosy. O Simbolismo, na exacerbação do mal-estar burguês, ajudou a libertar o verso das amarras acadêmicas, abrindo caminho para boa parte das estratégias dos modernistas (*Id.*: 13).

Quanto à proposta gráfica, utiliza um tratamento muito atraente. Sotéro Cosme, como comentamos antes, foi o responsável da edição de arte do semanário. As capas de *Madrugada* apresentam um padrão de desenho que se estabelece no logotipo, no formato retangular da gravura, nos dados de edição –ano e número– e nas margens em branco, que simulam um *passe-partout*.

Verifica-se a influência em Sotéro do *Art Déco*<sup>4</sup> através das linhas retas que formam o logotipo e os dados de edição. Da mesma forma, o uso de espaços em branco que se encontram por toda a revista e que “são valorizados não como vazios, mas como espaços que destacam textos e imagens” (BREITSAMETER, A. e GRUSZYNSKI, A., 2011: 211).

---

4 O movimento *Art Déco* expandiu-se a partir de 1925, após a realização da *Exposition internationale des Arts décoratifs et industriels modernes*, em Paris, na França.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as ideias modernistas tenham sido o ponto de partida para a criação das revistas que foram objeto do nosso estudo, verificamos a diversidade que se originou com respeito ao desenvolvimento de características estéticas singulares e à manifestação de conteúdos ideológicos diferenciadores.

*Klaxon* foi, indubitavelmente, a que maior impacto causou pela forma ousada e estridente como se manifestou e prosseguiu o seu caminho. E não somente por isso, mas também pela capacidade de inovação dos seus integrantes, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, por citarmos os dois mais destacados, que perseguiram e colaboraram com afincos na difusão das novas ideias artísticas, na proliferação de grupos modernistas pelo país e na configuração de uma estética nacional.

*Estética* se revelou sóbria, em aparência e em conteúdo, e embora tenha tido poucas edições, é o repositório de grandes trabalhos críticos e de material teórico produzidos na época, alcançando a qualidade e o respeito que pretendia.

*A Revista* contou com jovens escritores, sendo que alguns deles passaram a figurar entre os maiores escritores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade. A força do espírito jovem dos seus integrantes e a energia que desprendiam assemelham-se ao ímpeto dos jovens vanguardistas paulistas. Neste sentido, a imagem gráfica comedida desse periódico não se corresponde com a atitude social e política que mantinham nem com os desejos de “ação” que eles proclamavam.

*Madrugada* mostrou as particularidades da recepção do movimento modernista no Rio Grande do Sul, que se diferenciou dos demais grupos pela calma e tranquilidade com que foi acolhido. Testemunhou as circunstâncias da vida urbana local e as dificuldades de mudanças que a tradição impunha à elite sulista. No campo literário contou com a colaboração de novos literatos como Vargas Neto e Ruy Cirne Lima e outros já consagrados como Alcides Maya.

O ideário modernista se reflete com maior ou menor força em cada uma dessas produções e o que realmente as destaca são os conteúdos que as compõem e que representam todo o esforço e o empenho desses jovens que queriam contribuir, e contribuíram, para a consolidação de opções literárias e artísticas livres da prisão do passadismo.

## BIBLIOGRAFIA FINAL

### BIBLIOGRAFIA ATIVA

- ANDRADE, Mário (1922): “O homenzinho que não pensou”. In: *Klaxon*. São Paulo, n. 3, pp. 10-11.
- ARANHA, Graça (1924): “Mocidade e Estética”. In: *Estética*. Rio de Janeiro: Livraria Odeon, Ano I, v. I, pp. 3-11.
- NAVA, Pedro (1978): “Recado de uma geração”. In: *A Revista*. Reimpressão fac-similar, parte do programa cultural Metal Leve.

### BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- ALMEIDA, Aline Novais e CALDAS, Juliana (2015): “Revistas do modernismo – 1922-1929: uma caravana editorial” In: *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. São Paulo: USP. Disponível na página web: <http://revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/2448> [Acesso: 12.10.17].
- BOSI, Alfredo (1994): *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 37ª Ed.
- BREITSAMETER, Amanda e GRUSZYNSKI, Ana (2011): “O design e a comunicação na revista Madrugada (1926)”. In: *Conexão – Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul: CCSO/UCS. Disponível na página web: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/634> [Acesso: 14.09.17].
- COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo de Faria (1986): *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Niterói: EDUFF, 3ª Ed, v. IV.
- GOLIN, Cida e RAMOS, Paula (2007): “Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista *Madrugada* (1926)”. In: *Atas do V Congresso Nacional de História da Mídia*. São Paulo: Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, pp. 1-16. Disponível na página web: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3441> [Acesso: 12.10.17].
- GOUVÊA, Paulo de (1976): *O Grupo – Outras figuras – Outras paisagens*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora Movimento.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes (1994): Mário, Klaxon, Estética e Terra roxa. Itinerários: Revista de Literatura, n. 7. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107303> [Acesso: 08.09.2017].
- MARQUES, Ivan (2013): “A década em que o Modernismo falou mais alto”. In: *Escritablog. As revistas dos anos 20 e o Modernismo*. Disponível

na página web: <http://escritablog.blogspot.com.es/2013/04/as-revistas-dos-anos-20-e-0-modernismo.html> [Acesso: 10.10.2017].

#### **WEBGRAFIA**

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=396060&pesq=>  
[Acesso: 22.08.2017].

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217417&pesq=>  
[Acesso: 20.08.2017].

<https://laboratoriodepensamentosocial.files.wordpress.com/2011/06/revista-estetica-ano-i-vol-i-set-1924-parte-i.pdf> [Acesso: 18.08.2017].